

CALÍOPE

Presença Clássica



2025.2 . Ano XLII . Número 50

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 9

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS DIRETORA
Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz
VICE-COORDENADOR Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Eduardo da Silva de Freitas
SUBSTITUTO EVENTUAL Renan Moreira Junqueira

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Vaso grego de figuras vermelhas (hídria). Séc. IV a.C. Cerâmica. Procedente de um ateliê sul-italico. Grupo AV Libation Painter. A cena representa o mito de Pandora, no momento em que ela, por curiosidade, abre a caixa e liberta todos os males que afligem a humanidade; apenas consegue reter a esperança, que é o único consolo que resta ao homem. Acervo: Museu Arqueológico de Barcelona. Foto: Rainer Guggenberger

EDITORAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
María Paula Rozo

REVISORES DO NÚMERO 50
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

A mais antiga biografia de Virgílio: apresentação e tradução

Pedro Falleiros Heise

RESUMO

A mais antiga biografia de Virgílio, a *Vita Vergilii*, como costuma ser designada, teria sido composta por Suetônio cerca de cem anos após a morte do poeta, mas preservada em uma introdução aos comentários sobre os poemas virgilianos feitos por Élio Donato, gramático do séc. IV. Recentemente tem ganhado espaço a importância de como ler esse texto, independentemente de sua autoria. No presente artigo, pretendemos oferecer a nossa maneira de ler uma biografia literária a respeito de um poeta da Antiguidade. Para tanto, apresentamos, após uma breve história da biografia, desde seu nascimento na Grécia até Suetônio, algumas considerações sobre esse gênero, assim como uma nossa tradução do texto, de modo que quem vier a lê-lo possa tirar suas próprias conclusões.

PALAVRAS-CHAVE

Biografia; Virgílio; Suetônio; Donato; Tradução.

SUBMISSÃO 21 abr. 2025 | APROVAÇÃO 11 set. 2025 | PUBLICAÇÃO 26 mar. 2026
DOI 10.17074/cpc.v1i50.68058

T

CAIO SUETÔNIO TRANQUILIO

udo o que se sabe sobre a vida de Públio Virgílio Maro (70 – 19 A.N.E.) deriva de suas próprias obras ou de relatos escritos e orais que chegaram até o mais antigo de seus biógrafos, o escritor Caio Suetônio Tranquilo (c. 70 – c. 122), que nasceu quase um século após a morte do poeta. Nenhuma certeza existe a respeito do local de nascimento de Suetônio nem de sua formação, mas Gian Biagio Conte afirma que foi encarregado das bibliotecas públicas de Roma durante o reinado de Trajano (98 – 117) e depois responsável pelos arquivos e pela correspondência imperiais na época de Adriano (117 até a morte do escritor), um trabalho que pode ter definido a direção de seus escritos.¹

A maior parte do que Suetônio compôs, em latim e em grego, não sobreviveu ao tempo, mas temos uma lista dos títulos de suas obras no léxico da Suda, enciclopédia bizantina do séc. x. Segundo Conte, os temas são diversos, “abrangendo desde os costumes romanos até o calendário, dos sinais diacríticos usados por filólogos até as cortesãs famosas, dos defeitos físicos de Cícero até seus escritos políticos”.² Jacques Gaillard define Suetônio como um “fureteur de bibliothèques” (“rato de biblioteca”), que teria chegado ao cúmulo do enciclopedismo ao redigir um livro cujo título é *De rebus uariis*, que poderia ser traduzido como “*À propos de tout*”.³

Mais conhecido pela sua obra sobre a vida dos imperadores romanos, *De uita Caesarum* (“Sobre a vida dos Césares”), Suetônio também compôs um *De uiris illustribus* (“Sobre os homens ilustres”), provavelmente dividido em cinco seções, dedicadas, respectivamente, aos poetas, oradores, historiadores, filósofos e gramáticos e retóricos (os dois últimos em um mesmo segmento). No que concerne aos poetas, cujo título convencionou-se chamar *De poetis*, do que sobreviveu ao tempo, podemos ler as biografias de Terêncio (séc. II A.N.E.), Virgílio, Horácio (65 – 8 A.N.E.), Tibulo (c. 55 – 19 A.N.E.), Pérsio (34

– 62 A.N.E.), Lucano (39 – 65 A.N.E.), Plínio, o Velho (23 – 79 A.N.E.) e Passieno Crispo (? – c. 44 A.N.E.). A mais longa delas é a *Vita Vergilii* (doravante *Vida*), que nas edições modernas conta com 46 parágrafos. Esse texto teria sido preservado graças a um comentário às obras do poeta mantuano composto por Élio Donato, gramático do séc. IV, comentário hoje infelizmente perdido. A biografia de Donato, contudo, é um pouco mais extensa, com 72 parágrafos, sendo do parágrafo 47 ao último apenas comentários às obras de Virgílio, logo um texto não biográfico.⁴

De acordo com John Carew Rolfe, editor e tradutor de Suetônio, o *De uiris illustribus* teria sido escrito entre 106 e 113; essas biografias, afirma Rolfe, seriam prepostas aos textos dos escritores, servindo como uma espécie de introdução (o que na Idade Média se chamava de “*accessus ad auctorem*”).⁵ Quanto à atribuição da *Vida* a Suetônio, ele afirma que “*H. Naumann and other experts unhesitatingly identified as almost wholly Suetonius*”.⁶ Naumann, mencionado por Rolfe, publicou em 1981, depois de vários outros trabalhos sobre o mesmo tema, um artigo intitulado “*Suetonius’ Life of Virgil: the Present State of the Question*”, no qual afirma categoricamente que “*the Virgil Vita of Donatus’ commentary is the Vita written by Suetonius*”.⁷ Nesse artigo, elenca cinco argumentos que, segundo ele, comprovam sua asserção: 1) no final da *Vida* de Terêncio, escrita por Donato, lemos: “*haec Suetonius Tranquillus*” (“essas coisas [escreveu] Suetônio Tranquilo”), e por isso não haveria motivo para não pensar que ele também havia seguido Suetônio para compor a *Vida* de Virgílio; 2) na carta dedicatória a Munácio, da qual falaremos logo abaixo, Donato menciona vários comentários à obra de Virgílio, mas não várias *Vidas*; 3) Donato segue sua fonte *ipsis litteris* (“*opera fide*”, conforme se lê na carta a Munácio, mas veremos que há algo mais além dessa “fidedignidade”); 4) especialistas da obra de Suetônio apontam que, com a exceção de apenas cinquenta palavras (ou 3,3%), todo o vocabulário da *Vida* pode ser encontrado no *Index Suetoniano* de Howard-Jackson; 5) excluindo os parágrafos 37 e 38, cujo autor seria Donato, não há

nem uma só palavra que não possa ser “*potentially Suetonian*”.⁸

Além desses argumentos, deve-se notar que a estrutura da *Vida* parece seguir a das biografias dos imperadores, obra publicada em 120,⁹ ou seja, após o *De uiris illustribus*. Via de regra, Suetônio abre uma biografia com o nascimento do personagem e fecha com sua morte; o desenvolvimento, contudo, não segue necessariamente a ordem cronológica, mas sim “categorias” (*species*), conforme ele mesmo declara no capítulo nove da *Vita Augusti*:

Proposita uitae eius uelut summa partes singillatim neque per tempora sed per species exequar, quo distinctius demonstrari cognoscique possint.

Tendo anunciado como que o resumo de sua vida, exporei [agora] as fases uma a uma não pela cronologia, mas pelas categorias, para que se possa demonstrar as fases e conhecê-las mais distintamente.¹⁰

A quebra da organização cronológica, afirma Conte,¹¹ é a característica mais significativa das biografias de Suetônio, isso tanto nas dos poetas quando nas dos imperadores. Desse modo, no lugar de seguir um curso linear e explicar completamente eventos na sua complexidade, “*the biographer prefers to compose in episodic fragments and to give an analysis that is centered on the person and his private life and character*”.¹²

Portanto, dadas as semelhanças de léxico e de estrutura, costuma-se afirmar que o texto de Donato seria o de Suetônio.¹³ Embora Donato não diga explicitamente ter se baseado em Suetônio, evidências podem ser encontradas na carta dedicatória a Lúcio Munácio (Donatus, *Ep. ad Munatium* 8-12):¹⁴

Agnosce igitur saepe in hoc munere conlati (u) o sinceram uocem priscae auctoritatis. Cum enim liceret usquequaque nostra interponere, maluimus opera fide, quorum res (f) uerunt, eorum etiam uerba seruare.

Reconhece, então, amiúde nesse trabalho reunido a voz intacta da autoridade antiga. Embora fosse permitido interpor em qualquer lugar as nossas, preferimos

conservar com boa fé as palavras daqueles a quem pertenciam as ideias.

Donato afirma que reuniu em seu comentário a voz intacta (“*sinceram uocem*”) do autor original (“*priscae auctoritatis*”), ainda que tenha se dado a liberdade de inserir aqui e ali (“*usquequaque*”) suas próprias palavras em meio às de outros (“*eorum*”), o que nos faz pensar em mais de uma fonte. É impossível saber quais são suas palavras e quais as do autor original (e dos outros – “*eorum*”). Ademais, a hesitação entre atribuir o texto a Suetônio ou não foi tão grande que até o título variou frequentemente, sendo ora chamado de *Vita Vergilii Suetoniana*, ora *Vita Vergilii Donatiana*, ora *VSD* (*Vita Suetoniana-Donatiana* ou *Vita Suetonii vulgo Donatiana*) ou ainda simplesmente *Vita*, sem crédito de autor. Dada a importância de Virgílio, inúmeras foram as “vidas de Virgílio” (*Vitae Vergilianae*) escritas na Antiguidade, como a de Probo (de data incerta) e a de Sérvio, outro gramático e comentador das obras de Virgílio do séc. IV, todas elas inspiradas, contudo, na mais antiga *Vida*.

O GÊNERO BIOGRÁFICO

Tenha sido Suetônio o autor da *Vita* ou não, cabe lembrar que esse gênero literário não nasceu com ele. Segundo Yolanda García, na introdução ao volume das *Biografías literarias latinas*, os primeiros biógrafos nascem na Grécia do séc. IV “*de la fusión de una costumbre ancestral – cantar las hazañas de los héroes nacionales – con el desarrollo simultáneo del individualismo y la prosa*”.¹⁵ Ela ainda afirma que, paralelamente, em Roma, havia o “*hábito autóctono que consistía en el elogio del miembro de la gens recién fallecido (laudatio funebris) por sus descendientes*”, que “*fue impulsado más tarde por las técnicas del discurso dando lugar a la oratoria panegírica y a formaciones prosísticas como el Agrícola de Tácito o, en escala menor, el Atico de Nepote*”.¹⁶ Mais específico, Augusto Rostagni, um dos editores do *De poetis* de Suetônio, falando dos precursores do biógrafo dos Césares, dá ênfase a Aristóxeno (séc. IV A.N.E.), célebre teórico da música:

Infatti Aristosseno, con i suoi Βίοι ἀνδρῶν – Vite di Pitagora, di Archita, di Socrate, di Platone, ecc. – era stato il primo rappresentante di un tipo biografico che, sull'esempio di lui, venne largamente introdotto presso i filosofi della scuola peripatetica, e dai filosofi della scuola peripatetica passò quasi contemporaneamente ai filologi alessandrini: tipo biografico che ha per oggetto, non già gli uomini d'azione, i militari, i politici e simili, bensì gli uomini di cultura, filosofi, poeti, oratori, ecc., considerati a confronto con gli altri come i più degni di gloria, quindi come gli ἐνδοξοί, gli illustres per eccellenza.¹⁷

Aristóxeno, diz Rostagni, era um peripatético, ou seja, um discípulo de Aristóteles, filósofo que seria, este sim, o inventor da chamada biografia literária. García explica que Aristóteles e seus alunos se dedicaram à compilação exaustiva de dados sobre todos os âmbitos da vida e da cultura para cada ramo do saber. No caso da literatura, continua García, o próprio Aristóteles chegou a compor uma obra Περί ποιητῶν (“Sobre os poetas”), da qual nos chegaram apenas fragmentos e que, ainda segundo a estudiosa, seria a base necessária para a sua *Poética*.¹⁸ Outro discípulo importante de Aristóteles foi Teofrasto (c. 372 – c. 288). Sua obra *Characteres* é uma boa amostra desse interesse dos peripatéticos em descrever vidas – ou modos de vida (*modi uiuendi*) – dignas de serem recordadas, especialmente de filósofos, pois acreditavam que o “caráter” das pessoas era um “reflejo del ser interior”.¹⁹

Ainda no mundo de língua grega, um nome mencionado tanto por Rostagni quanto por García é Calímaco (séc. III A.N.E.), poeta e funcionário da Biblioteca de Alexandria. Praticamente toda sua obra se perdeu, mas dentre os poucos fragmentos que chegaram até nós há os *Pínakes* (Πίνακες, “Quadros”), que contêm aquele que é considerado o primeiro catálogo bibliotecário. Nele, Calímaco classifica os autores por categorias: poetas, filósofos, historiadores, oradores, gramáticos, médicos, músicos. Embora de natureza bibliográfica, García diz que ele “dejó sentada la clasificación que seguirán sus colaboradores en el terreno biográfico, así como el epígrafe englobador que deriva en el cliché *Peri endóxōn andrōn* (de uiris illustribus), y que se pudo aplicar desde entonces con exclusi-

*vidad a los ‘varones que brillaron en las letras’”.*²⁰

Por fim, do mundo grego Rostagni destaca ainda Sático, outro escritor de tendência peripatética que viveu em Alexandria no final do séc. III A.N.E., ou seja, contemporâneo de Calímaco. Enquanto as biografias de Aristóxeno se restringiam aos homens da cultura, Sático, em seu Βίων ἀναγραφή (“Registro de vidas”), insere, ao lado de poetas, historiadores e literatos, homens da política, arrolados um depois do outro “in forma di catalogo o di ‘rassegna’, com’è dimostrato dal titolo: ἀναγραφή”.²¹ Importante essa referência porque também a biografia suetoniana, além de se basear no princípio da classificação calímaqueana dos homens ilustres, também “risulta in fondo essere, alla maniera di Satiro, una ἀναγραφή, un catalogus, una enumeratio cronologicamente ordinata”.²² Essas informações serão relevantes para pensarmos na função do *De poetis* no interior das obras de Suetônio, e, conseqüentemente, cada uma das biografias, com atenção especial à de Virgílio, foco do presente artigo.

Quando passamos, enfim, a Roma, há de se ter em conta que quase todo o *corpus* biográfico de literatos latinos apresenta problemas de atribuição e datação, conforme explica José A. Sánchez Marín, pois a transmissão desses textos chegou até nós “de forma muy complicada y, frecuentemente, los estudiosos del tema han tenido que proceder a un análisis del texto transmitido para conjeturar el nombre del autor y la fecha de elaboración”.²³ Apesar disso, do que sobreviveu ao tempo, é possível notar que o “material biográfico latino sobre literatos, heredado de la tradición helenística en su forma de configuración, ha ido moldeándose y ampliándose a través de los siglos”.²⁴

Tudo indica, contudo, que o gênero biográfico só começou a ser cultivado em Roma na época de Cícero, e em grande parte por obra sua, quando “los latinos se vuelven hacia su pasado político y cultural con orgullo nacionalista que halla la mejor forma de expresarse, también dentro de la biografía, en la equiparación con los griegos”.²⁵ Prova-

velmente o escritor mais antigo do mundo romano que se dedicou a compor biografias seja Varrão (116 – 27), amigo de Cícero, a quem Quintiliano, um século depois, definiu como “*uir Romanorum eruditissimus*” (“o mais erudito dos romanos”).²⁶ Autor de uma quantidade enorme de obras, praticamente tudo o que escreveu não chegou até nós, mas sabemos que teria composto uma obra sobre a vida de homens insígnies, que alguns chamam de *Imagines* (“Retratos”), outros de *De illustribus uiris*.

Arnoldo Momigliano supõe que as *Imagines* continham uma seleção de setecentos retratos de homens famosos, desde reis e políticos a dançarinos e sacerdotes, passando por poetas, filósofos, historiadores etc. Momigliano diz que cada retrato era “*accompanied by an epigram which characterized the man in question. Learned discussions in prose seem, like footnotes, to have accompanied the poetic text*”.²⁷ Conjectura-se que pelo menos dois dos quinze livros com os “retratos” dos homens ilustres eram dedicados exclusivamente aos poetas e, mais especificamente, aos “*representantes de la poesía arcaica latina*”.²⁸ No entanto, ficamos apenas no campo da especulação, uma vez que essa obra de Varrão se perdeu no tempo.

Provavelmente contemporâneo de Varrão foi Santra, mencionado por Suetônio em seu *De uiris illustribus*, que deve ter-se dedicado “*al estudio de poetas y oradores*”.²⁹ Também daquele mesmo período é Higino, liberto de Augusto (o mesmo autor das *Fabulae*?), que “*abarcó en cambio toda clase de personajes*”.³⁰ Além de seus nomes, nada mais sabemos sobre eles e suas obras.

Outro coetâneo de Varrão foi Cornélio Nepos (c. 100 – c. 27), autor de um *De uiris illustribus*, que devia conter ao menos dezesseis livros,³¹ além de outras obras. Momigliano afirma que Nepos “*developed Varro’s notion of biography*”.³² Ainda de acordo com Momigliano,

*Nepos wrote three books of an universal history. Then he conceived the idea of a collection of biographies, comparing Greeks and Romans from all walks of life and even including a few Carthaginians and Persians.*³³

A dificuldade em estudar esses textos é que a conservação precária e fragmentada da obra de Nepos “*no permite un conocimiento satisfactorio de la estructura general de estos tratados*”.³⁴ Isso não impede, contudo, que o mesmo Marín avalie o trabalho de Nepos como de alguém que

*es a la vez innovador y heredero de los múltiples y diversos impulsos biográficos que se fraguaron en la época helenística, con una personal concepción de la biografía como vehículo de comparación en la que el autor muestra su mayor originalidad frente a la tradición anterior.*³⁵

Já no séc. I A.N.E., há em Roma a produção de uma literatura erudita: Columela compõe seu *De re rustica* (que de certo modo dá continuidade às *Geórgicas* de Virgílio); Celso, que escreve uma enciclopédia em vinte livros, dos quais apenas os cinco últimos chegaram até nós (tratam de medicina e higiene); Plínio, o Velho, autor da monumental *Historia naturalis* assim como uma biografia, *De uita Pomponii*, que, segundo Conte, seria presumivelmente parecido “*in genre and approach*” ao *De uita Iulii Agricola* de Tácito.³⁶ Essas duas obras, provavelmente, exerceram influência sobre Suetônio, tendo sido a última, de Tácito, publicada em 98,³⁷ ou seja, pouco antes de começar seu *De uiris illustribus*. De acordo com o estudioso italiano, a *Vida de Agrícola* é um panegírico desenvolvido em uma biografia, uma *laudatio funebris* entremeada, ampliada e integrada com materiais históricos e etnográficos.³⁸ Houve também Valério Máximo, autor do *Factorum ac dictorum memorabiliu libri IX*, dá atenção especial aos “*morts illustres*”, continuando as biografias de Nepos, mas com um espírito “*fort ‘synthétique’*”;³⁹ ou ainda Quinto Cúrcio, cuja *Vida de Alexandre* “*se lit comme un roman*”.⁴⁰

Diante desse quadro, fica evidente que, quando Suetônio começou a compor as suas *Vidas*, tinha uma ampla gama de modelos, tanto gregos quanto romanos. Na época de Suetônio, afirma Rostagni,⁴¹ havia ressurgido o interesse pelos antigos e

[...] *l’interesse per le origini della letteratura. Per questo, e anche per quel che risulta dall’intrinseco*

esame della sua trattazione, e delle sue disposizioni di studioso, è escluso ch'egli volesse fare opera di semplice informazione manualistica od enciclopedica. Egli era sulla linea di Aristosseno, di Callimaco, di Ermippo, di Cornelio Nepote, di Igino. Egli riprendeva il genuino concetto della biografia letteraria, onde gli illustres, gli ἔνδοξοι per antonomasia, si ravvisavano in coloro soltanto che dalle lettere avessero ricevuto gloria (la vera gloria). E, nei riguardi del metodo, risaliva, come a suo principale modello, a Varrone.

De acordo com Rostagni, portanto, Suetônio não quis fazer de sua obra um simples “catalogo” (embora o estudioso afirme que ele tenha se baseado em Calímaco e em Sátiro) nem um manual (talvez de caracteres?); o que Rostagni não diz, porém, é o que Suetônio queria então com sua obra, ou ainda, qual seria o “genuino concetto della biografia letteraria”: isso, temos de buscar por nós mesmos. Por fim, o estudioso garante que o modelo principal de Suetônio era Varrão: ora, mas como afirmar isso se a obra de Varrão se perdeu e se Suetônio não chega a dizer isso explicitamente? Com efeito, muitos são os modelos, inclusive as *Res gestae* de Augusto, que constituem, segundo Conte, “an important example of the impetus that so eminently Roman a tradition could give to the exposition per species that we find in Suetonius’s Lives”.⁴²

Mas, mesmo com todos esses modelos, Suetônio se destacou no gênero da biografia, sendo considerado “*el apogeo de la biografía latina*”,⁴³ afirmação ousada porque raros são os textos com os quais podemos fazer comparações. No entanto, ela é verossímil, tendo em vista que as *Vitae Caesarum* chegaram praticamente intactas até nós.

Vejam, então, algumas das características do texto de Suetônio. Marín destaca que, além de fornecer a caracterização física do biografado e a descrição de sua vida e obras, Suetônio “*muestra también un interés preciso por las condiciones económicas y el reconocimiento social que consiguieron los diversos escritores, y por las relaciones con sus protectores y con los emperadores*”.⁴⁴ Isso poderia fazer pensar que Suetônio estaria a compor uma obra de história, do gênero da historiografia, mas estudiosos apontam

algumas das diferenças entre esses dois gêneros, sendo a principal delas, para Marín, a finalidade de cada uma: “*Por finalidad de la biografía entendemos así la caracterización de un individuo a través de la descripción de su vida y acciones*”.⁴⁵

Convém, por isso, refletir sobre o que poderia representar o gênero biográfico para os antigos. De acordo com Paul Jal, nem os gregos nem os romanos empregavam o termo *biografia*, mas βίος e *Vita*, enquanto em francês o termo teria aparecido apenas no séc. XVIII.⁴⁶ Já Pascal Payen, no verbete “*Vie (Bios)*” do *Dictionnaire Plutarque*, afirma que o termo “biografia”, no mundo antigo, é atestado pela primeira vez no séc. VI na obra de Damásio, filósofo neoplatônico.⁴⁷

Independentemente do termo usado, as biografias antigas, mostra Stéphane Ratti,⁴⁸ pertenciam ao gênero retórico epidíctico, no qual ou se louva ou se critica determinada pessoa, o que vai ao encontro com a ideia de García, segundo a qual a biografia romana teria nascido da *laudatio funebris*, como vimos acima. Além disso, a biografia “*c’est un genre qui dérive de l’historiographie*”.⁴⁹ Ratti afirma ainda que alguns elementos característicos das *Vidas* já estariam presentes em Heródoto (quando conta a vida de Cresos, de Ciro, de Temístocles) ou em Tucídides (quando tece o célebre elogio de Péricles). Ratti menciona também Xenofonte, autor de um elogio ao rei de Esparta, Agesilas, que seria, essa sim, a “*première manifestation du genre biographique selon A. Momigliano*”.⁵⁰ Com isso, nota-se que a biografia é um gênero afim à historiografia.

Ratti, em seu artigo sobre “*Les racines antiques du genre biographique*”, afirma que não há nenhum texto na Antiguidade que tenha teorizado especificamente sobre o gênero biográfico, mas, das *Vidas paralelas* de Plutarco, é possível deduzir linhas gerais dos principais aspectos da biografia. Baseado no verbete de Pascal Payen,⁵¹ Ratti⁵² sintetiza os principais aspectos da “vida” segundo Plutarco: em primeiro lugar, o tema da *Vida* deve ser um personagem que alcançou a glória, tendo

deixado belos exemplos de virtude política e militar; em segundo lugar, a *Vida* deve respeitar a regra da concisão: escolher apenas as ações mais significativas do biografado e não contar sua vida de modo pormenorizado, mas escolher um detalhe revelador para explorar; em terceiro lugar, ter liberdade em relação ao gênero da historiografia (que, de acordo com Aristóteles, consiste em expor um período único com todos os eventos que se produziram em seu curso), embora Plutarco permaneça muito próximo dos historiadores (Tucídides e Políbio) no sentido de recusar o maravilhoso e a fábula, pois se trata de uma busca pela verdade. No entanto, Plutarco afirma que “não escrevemos *História*, mas *Vidas*” (*Vida de Alexandre* 1.2), e Payen diz que ele frequentemente associa seu trabalho de escrita ao do pintor ou ao do poeta, “*qui seuls parviennent au degré de précision et de raffinement qu’il vise*”.⁵³

Um elemento que Ratti não leva em conta (mas não era de seu interesse, com efeito) é a diferença entre os biografados. Assim, uma coisa é contar a vida de um imperador, outra, bem diferente, a de um poeta, afinal, seus feitos, por mais que sejam ambos grandiosos, são bastante distintos. Por isso, no caso de um imperador, a historiografia busca a “verdade” sobre sua vida, pois se trata de um personagem “sério”; já no caso de um poeta, cujo grande feito é uma obra de ficção (como nós diríamos hoje), tudo o que se conta de sua vida deve ser mais verossímil que verdadeiro, conforme a já lembrada diferença aristotélica entre história e poesia.

Outro ponto que merece atenção diz respeito ao contexto em que as biografias eram apresentadas, o que está diretamente ligado ao público para quem se escreviam esses textos. Marín diz que no período logo após a queda da República, a produção biográfica sobre os homens de letras “*se acredita como una actividad e interés de alcance lingüístico-literario, al servicio de la filología y de la enseñanza escolar, en especial la aplicada al análisis y valoración histórico-literaria de las obras de los grandes poetas más próximos en el tiempo*”.⁵⁴ Isso nos faz pensar

nos eruditos de Alexandria, geralmente considerados os primeiros filólogos; no entanto, não temos notícias de que escrevessem biografias para esses fins (de análise e valorização histórico-literária das obras), conforme vimos com Calímaco, que teria composto antes um catálogo de escritores.

Com efeito, para Marín, já em Varrão, Santra, Nepos e Higino, embebidos da tradição cultural helenística,

*la investigación anticuaria y filológica se asociaba con el estudio y la reconstrucción de la vida de los personajes del pasado, sobre todo escritores y líderes políticos, desde luego no sin plantear generalmente su utilidad más inmediata para los lectores coetáneos desde diferentes perspectivas.*⁵⁵

Depois, já no começo do Império, no séc. I A.N.E., temos a informação de que os gramáticos Probo e Vaca “*antepusieron introducciones biográficas a sus ediciones críticas de poetas*”, porém, ainda que esses trabalhos tenham sido muito estimados para o desenvolvimento do gênero, mostram-se muito mais reduzidas “*que la desarrollada posteriormente por Suetonio, constituyendo a menudo una tradición paralela y complementaria*”.⁵⁶ Em outro artigo mais antigo, Marín destaca a finalidade e o público das obras que narram as vidas de poetas

*con fines distintos, desde la elaboración de una obra erudito-literaria, destinada a un público culto y curioso, la introducción a la edición de las obras de un poeta, una amplia reseña biográfica del mismo hasta, por último, un catálogo con someras y simples referencias cronológicas.*⁵⁷

Na época de Suetônio, portanto, não era novidade a apresentação de biografias seriadas, mas sim a inserção delas na edição de textos. No entanto, nós nos perguntamos: seriam as biografias dos homens ilustres compostas por Suetônio introduções às obras desses notáveis, tal como afirmara Rolfe? Nada sabemos sobre “edições” feitas por Suetônio das obras de Terêncio, Virgílio, Horácio etc. Se comparadas às biografias dos imperadores (dos quais, à exceção de Júlio César e de Augusto, não temos obras escritas), as dos poetas teriam um fim em si mesmas, quer dizer,

não teriam sido compostas para figurar como *accessus ad auctores* antes dos textos dos poetas.

O DE UIRIS ILLUSTRIBUS DE SUETÔNIO

Com que finalidade Suetônio compôs o *De uiris illustribus* é difícil apontar, mas podemos fazer alguma ideia a partir da estrutura e do estilo de sua escrita. Para Conte, a maior limitação de Suetônio se encontra na “*superficiality of the historical and psychological analysis*” dos biografados, mas que é recompensada por sua “*narrative liveliness*” e seu estilo “*smooth and nimble*”.⁵⁸ De fato, Suetônio parece se eximir de uma caracterização moral de seus biografados, ao contrário, por exemplo, das “*biografías de generales de Nepote, o en las Vidas de los Césares*”.⁵⁹ Poder-se-ia pensar, então, que Suetônio compunha uma obra mais próxima da “*frieza*” historiográfica, porém não é isso o que seu texto nos revela.

García lembra que não encontraremos no *De uiris illustribus* “*reflexiones profundas o generalizadoras sobre el devenir literario; tampoco hay un intento de reconstruir la personalidad de los escritores (vedada a priori por esa estructura analítica)*”.⁶⁰ Se Suetônio não traça as características psicológicas dos literatos nem reconstrói suas personalidades, o que ele faz afinal? Parece que, por um lado, ele está mais preocupado em exibir suas várias fontes (cartas, testemunhos, inscrições, epigramas – inclusive do biografado –, estudos anteriores) tal como faria um historiador, mas, por outro lado, e ao contrário de um historiador, ele “*accepta con complacencia el chismorre escabroso, la historia trivial, acompañados del característico ‘se dice’*”.⁶¹

No que diz respeito à *Vida de Virgílio*, não é diferente, visto que que Suetônio “*une a sus propósitos de rigor científico abundantes elementos legendarios y maravillosos, que demandaba el culto y la devoción por el poeta, surgidos de forma inmediata a la muerte*”.⁶² Tratar-se-ia, portanto, de um “*culto*” e uma “*devoción*” por esses poetas (e outros, cujas biografias não chegaram até nós) o que teria levado Suetônio a compor essas *Vidas*.

Por isso, talvez, ele misture história e ficção, realizando algo que seria considerado equivocado do ponto de vista da *Poética* de Aristóteles. Sendo assim, as *Vidas* de Suetônio podem, e devem, ser apreciadas como textos com valores literários, quer dizer, textos em que o verossímil é mais importante que o verdadeiro.

Dito isso, seu valor é indiscutível, pois se trata, na prática, do primeiro texto que conta notícias sobre Virgílio, o mais próximo do poeta no tempo. Apesar de elementos “*d’inverosimblances, d’ordre hagiographique, et de faits contestables (par exemple l’attribution de poèmes supplémentaires)*”,⁶³ esse texto servirá de base a todas as biografias posteriores, inclusive contemporâneas, como, por exemplo, uma das mais recentes que podemos ler no *Virgílio* de Mario Lentano (2022).⁶⁴ Além disso, essas páginas

*attachent à l’image du poète des faits et des scènes que l’on ne peut plus lui retirer; par exemple, la lecture des trois livres de l’Énéide en présence d’Auguste et la pâmoison d’Octavie au ‘Tu Marcellus eris’, et le drame de l’épopée inachevée qui doit être livrée aux flammes.*⁶⁵

Para além do debate da autoria e da verdade, esse texto é relevante também por tratar de um dos maiores poetas do Ocidente; por isso, no afã de buscar notícias (verdadeiras) sobre sua vida, até recentemente serviu de base para a maioria das biografias modernas de Virgílio, como vimos. Agora, contudo, desde o começo do séc. XXI, surgiu a tendência de ler a *Vida* não mais como mera fonte biográfica (com notícias verdadeiras ou falsas), mas como uma forma de exegese, semelhante à crítica literária.⁶⁶ Após a escola da Nova Crítica (*New Criticism*), a leitura estrutural dos textos literários ofuscou de forma avassaladora qualquer tentativa de encontrar fatos históricos nesses textos; há, contudo, de se ter cautela, pois nem tudo é alegoria, e Anton Powell mostra que uma abordagem “*more respectful approach to VSD may lead to surprising results relevant both to philology and history*”.⁶⁷

Por qual motivo, pergunta Powell, até hoje os críticos aceitam unanimemente as datas

de nascimento e de morte de Virgílio que são tiradas, justamente, da *Vida*? No caso da data do falecimento, Powell⁶⁸ diz que não há por que duvidar delas, uma vez que o poeta tinha se tornado uma verdadeira notoriedade, como atestam Propércio (II.34, v. 61-78) ou Tácito, que descreve o alvoroço dos espectadores de um teatro ao ouvir os versos de Virgílio, levantando-se todos ao mesmo tempo para saudá-lo “como se ele fosse Augusto” (“*populus [...] surrexit uniuersus et [...] Virgiliū ueneratus est sic quasi Augustus*, in *Dialogus de oratoribus*”, 13.2). Mas, quanto à data de nascimento, por que aceitar o que diz o texto da *Vida*? É por que não aceitar outras informações? Como escolher o que é “verdadeiro” e o que é “falso”?

Por isso, preferimos situar o texto dentro dos contornos de seu gênero, o da biografia, mais especificamente o gênero da biografia tal como era praticado na Antiguidade, que é bastante distinto das biografias hodiernas. Ao contrário do que se pretende hoje em dia, as biografias antigas não buscavam a “verdade” sobre o biografado, ainda mais quando se tratava de alguém cuja profissão era justamente a “ficção”. Logo, para tratar de um poeta, o biografista lançava mão daquilo que hoje chamamos de ficção. Veja-se, a esse respeito, os parágrafos 3-5 da *Vida*, em que se narra o sonho da mãe de Virgílio. Ora, o presságio da mãe grávida que sonha com o nascimento de uma figura eminente é um lugar-comum da literatura, que o próprio Suetônio usou nas *Vidas dos Césares*,⁶⁹ sendo depois reutilizado por grandes autores para contar a vida de grandes poetas, como vemos, por exemplo, na *Vida de Dante* escrita por Boccaccio, o “pai” da narrativa moderna.⁷⁰

Assim, no lugar de buscarmos (inutilmente) o que é fato e o que é ficção, preferimos ler a *Vida* como uma narrativa a respeito de um grande poeta que revive a cada vez que é lembrado, de modo a nos fornecer uma ideia de como poderia ter sido sua vida e a ajudar, na medida do possível, a melhor compreender como sua obra foi recebida ainda na Antiguidade, o que possibilitará tecer comparações com a ma-

neira como vem vêm sendo lidas as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a *Eneida*. Ademais, como afirma García, a *Vida* é para o estudioso moderno “*una fuente objetiva, y con mucha frecuencia única, de multitud de datos*”.⁷¹ E, para além da vida específica de Virgílio, esse texto auxilia nos ajuda a entender o papel do poeta naquela sociedade – e as enormes diferenças de seu papel nas nossas sociedades hoje em dia; . Payen, no já citado *Dictionnaire Plutarque*, afirma que o tema de uma biografia “*est le révélateur des contrastes de la société dans laquelle il [o biografado] reçoit son éducation, vit e meurt*”.⁷² É o que diz também Marín:

*Las biografías conservadas, más allá de las singulares noticias biográficas, son para nosotros una fuente valiosa, sobre todo por el conocimiento de las condiciones económicas, sociales e institucionales (escuelas, bibliotecas, mecenazgo) en que se desenvolvía la actividad de enseñantes, poetas y hombres de letras.*⁷³

Com esse olhar, portanto, é que nos parece mais adequado ler a *Vida* de Virgílio, ou seja, como a narrativa da vida de um poeta que foi e continua a ser apreciado por mais de dois milênios. Cumpre lembrar, por fim, que as biografias de Suetônio definiram a forma desse gênero literário até “*at least the eighteenth century*”.⁷⁴ E seu maior valor, de acordo com Momigliano, é o fato de ter escrito as biografias dos Césares aplicando a elas os métodos de descrição e documentação mais usuais para satisfazer a curiosidade a respeito dos homens de letras, comuns mortais. Por isso, afirma o estudioso, “*it is pleasant to conclude by noting that Roman biography contributed to keeping emperors within the bounds of mortality*”.⁷⁵

A VITA VERGILII: TEXTO LATINO E TRADUÇÃO⁷⁶

[1] *P. Vergilius Maro Mantuanus parentibus modicis fuit ac praecipue patre, quem quidam opificem figulum, plures Magi cuiusdam uiatoris initio mercennarium, mox ob industriam generum tradiderunt, egregieque substantiae siluis coemendis et apibus curandis auxisse re<c>ulam.* [2] *Natus est Cn. Pompeio Magno M. Licinio Crasso primum cons. Iduum Octobrium die in pago, qui Andes dicitur et abest a Mantua non procul.* [3] *Praegnans eum mater*

somniauit enixam se laureum ramum, quem contactu terrae coaluisse et excreuisse ilico in speciem maturae arboris refertaeque uariis pomis et floribus. ac sequenti luce cum marito rus propinquum petens ex itinere deuertit atque in subiecta fossa partu leuata est. [4] ferunt infantem, ut sit editus, neque uagisse et adeo miti uultu fuisse, ut haud dubiam spem prosperioris geniturae iam tum daret. [5] et accessit aliud praesagium, siquidem uirga populea more regionis in puerperiis eodem statim loco depacta ita breui eualuit tempore, ut multo ante satas populos adaequauisset; quae ‘arbor Vergilii’ ex eo dicta atque etiam consecrata est summa grauidarum ac fetarum religione suscipientium ibi et soluentium uota. [6] Initia aetatis Cremonae egit usque ad uirilem togam, quam XVII anno natali suo accepit isdem illis consulibus iterum duobus, quibus erat natus, euenitque ut eodem ipso die Lucretius poeta decederet. [7] sed Vergilius a Cremona Mediolanum et inde paulo post transiit in urbem. [8] Corpore et statura fuit grandi, aquilo colore, facie rusticana, ualitudine uaria: nam plerumque a stomacho et a faucibus ac dolore capitis laborabat, sanguinem etiam saepe reiecit. [9] cibi uinique minimi, libidinis in pueros pronioris, quorum maxime dilexit Cebetem et Alexandrum, quem secunda Bucolicorum eglōga Alexim appellat, donatum sibi ab Asinio Pollione, utrumque non ineruditum, Cebetem uero et poetam. uulgatum est consuesse eum et cum Plotia Hieria. [10] sed Asconius Pedianus adfirmat, ipsam postea maiorem natu narrare solitam, inuitatum quidem a Varro ad communionem sui, uerum pertinacissime recusasse. [11] cetera sane uitae et ore et animo tam probum constat, ut Neapoli ‘Parthenias’ uulgo appellatus sit, ac si quando Romae, quo rarissime commeabat, uiseretur in publico, sectantes demonstrantesque se suffugere in proximum tectum. [12] Bona autem cuiusdam exsulantis offerente Augusto non sustinuit accipere. [13] possedit prope centiens sestertium ex liberalitatibus amicorum, habuitque domum Romae Esquiliis iuxta hortos Maecenatianos, quamquam secessu Campaniae Siciliaeque plurimum uteretur. [14] Parentes iam grandis amisit, ex quibus patrem captum oculis, et duos fratres germanos, Silonem impuberem, Flaccum iam adultum, cuius exitum sub nomine Daphnidis deflet. [15] Inter cetera studia medicinae quoque ac maxime mathematicae

operam dedit. Egit et causam apud iudices unam omnino nec amplius quam semel: [16] nam et in sermone tardissimum eum ac paene indocto similem fuisse Melissus tradidit. [17] Poeticam puer adhuc auspicatus in Ballistam ludi magistrum ob infamiam latrociniorum cooptum lapidibus distichon fecit:

Monte sub hoc lapidum tegitur Ballista sepultus.
nocte die tutum carpe, uiator, iter.

deinde Catalepton et Priapea et Epigrammata et Diras, item Cirin et Culicem, cum esset annorum XXXVI. [18] cuius materia talis est: pastor fatigatus aestu, cum sub arbore condormisset et serpens ad eum proreperet e palude, culex prouolauit atque inter duo tempora aculeum fixit pastori. at ille continuo culicem contriuit et serpentem interemit ac sepulchrum culici statuit et distichon fecit:

Parue culex, pecudum custos, tibi tale merenti
funeris officium uitae pro munere reddit.

[19] scripsit etiam, de qua ambigitur, Aetnam. mox cum res Romanas inchoasset, offensus materia ad Bucolica transiit, maxime ut Asinium Pollionem, Alfenum Varum et Cornelium Gallum celebraret, quia in distributione agrorum, qui post Philippensem uictoriam ueteranis triumuirorum iussu trans Padum diuidebantur, indemnem se praestitissent. [20] deinde Georgica in honorem Maecenatis scripsit, qui sibi mediocriter adhuc noto operam tulisset aduersus ueterani cuiusdam uiolentiam, a quo in altercatione litis agrariae paulum afuit quin occideretur. [21] nouissime Aeneidem inchoauit, argumentum uarium ac multiplex et quasi amborum Homeri carminum instar, praeterea nominibus ac rebus Graecis Latinisque commune, et in quo, quod maxime studebat, Romanae simul urbis et Augusti origo contineretur. [22] cum Georgica scriberet, traditur quotidie meditato mane plurimos uersus dictare solitus ac per totum diem retractando ad paucissimos redigere, non absurde carmen se more ursae parere dicens et lambendo demum effingere. [23] Aeneida prosa prius oratione formatam digestamque in XII libros particulatim componere instituit, prout liberet quidque, et nihil in ordinem arripiens. [24] ac ne quid impetum morareur, quaedam imperfecta transmisit, alia leuissimis uersibus ueluti fulsit, quos per io-

cum pro tibicinibus interponi aiebat ad sustinendum opus, donec solidae columnae aduenirent. [25] Bucolica triennio, Georgica VII, Aeneida XI perfecit annis. [26] Bucolica eo successu edidit, ut in scena quoque per cantores crebro pronuntiarentur. [27] Georgica reuerso post Actiacam uictoriam Augusto atque Atellae reficiendarum faucium causa commoranti per continuum quadriduum legit, suscipiente Maecenate legendi uicem quotiens interpellaretur ipse uocis offensione. [28] pronuntiabat autem cum suauitate, cum lenociniis miris. [29] <ac> Seneca tradidit Iulium Montanum poetam solitum dicere, inuolaturum se Vergilio quaedam, si et uocem posset et os et hypocrisin: eosdem enim uersus ipso pronuntiante bene sonare, sine illo inanes esse mutosque. [30] Aeneidos uixdum coeptae tanta exstitit fama, ut Sextus Propertius non dubitauerit sic praedicare:

*Cedite, Romani scriptores, cedite Grai:
nescio quid maius nascitur Iliade.*

[31] Augustus uero, nam forte expeditione Cantabrica aberat, supplicibus atque etiam minacibus per iocum litteris efflagitarat, 'ut sibi de Aeneide', ut ipsius uerba sunt, 'uel prima carminis ὑπογραφή uel quodlibet κῶλον mitteretur'. [32] cui tamen multo post, perfectaque demum materia, tres omnino libros recitauit, secundum, quartum et sextum; sed hunc notabili Octaviae adfectione, quae, cum recitationi interesset, ad illos de filio suo uersus: 'tu Marcellus eris', defecisse fertur atque aegre focilata. [33] recitauit et pluribus, sed neque frequenter et ea fere de quibus ambigebat, quo magis iudicium hominum experiretur. [34] Erotem librarium et libertum eius exactae iam senectutis tradunt referre solitum, quondum eum in recitando duos dimidiatos uersus complekse ex tempore. nam cum hactenus haberet: 'Misenum Aeoliden', adiecisse: 'quo non praestantior alter', item huic 'aere ciere viros', simili calore iactatum subiunxisse: 'Martemque accendere cantu', statimque sibi imperasse ut utrumque uolumini adscriberet. [35] Anno aetatis quinquagesimo secundo impositurus Aeneidi summam manum statuit in Graeciam et in Asiam secedere triennioque continuo nihil amplius quam emendare ut reliqua uita tantum philosophiae uacaret. sed cum ingressus iter Athenis occurrisset Augusto ab

Oriente Romam reuertenti, destinaretque non absistere atque etiam una redire, dum Megara uicinum oppidum feruentissimo sole cognoscit, languorem nactus est, eumque non intermissa nauigatione auxit ita, ut grauior aliquanto Brundisium appelleret, ubi diebus paucis obiit XI Kal. Octobr. Cn. Sentio Q. Lucretio cons. [36] ossa eius Neapolim translata sunt tumuloque condita, qui est uia Puteolana intra lapidem secundum, in quo distichon fecit tale:

*Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope. cecini pascua rura duces.*

[37] Heredes fecit ex dimidia parte Valerium Proculum fratrem alio patre, ex quarta Augustum, ex duodecima Maecenatem, ex reliqua L. Varium et Plotium Tuccam, qui eius Aeneida post obitum iussu Caesaris emendauerunt. de qua re Sulpicii Carthaginensis exstant huiusmodi uersus:

*Iusserat haec rapidis aboleri carmina flammis
Vergilius, Phrygium quae cecinere ducem.
Tucca uetat Variusque simul; tu, maxime Caesar,
non sinis et Latiae consulis historiae.
infelix gemino cecidit prope Pergamon igni,
et paene est alio Troia cremata rogo.*

[39] egerat cum Vario, priusquam Italia decederet, ut si quid sibi accidisset, Aeneida combureret; <a> is ita facturum se pernegarat. igitur in extrema ualetudine assidue scrinia desiderauit, crematurus ipse; uerum nemine offerente, nihil quidem nominatim de ea cauit. [40] ceterum eidem Vario ac simul Tuccae scripta sua sub ea condicione legauit, ne quid ederent, quod non a se editum esset. [41] edidit autem auctore Augusto Varius, sed summam emendata, ut qui uersus etiam imperfectos, si qui erant, reliquerit. quos multi mox supplere conati non perinde ualuerunt ob difficultatem, quod omnia fere apud eum hemistichia absoluto perfectoque sunt sensu, praeter illud 'Quem tibi iam Troia'. Nisus grammaticus audisse se a senioribus aiebat, Varium duorum librorum ordinem commutasse, † et qui tunc secundus esset in tertium locum transtulisse †, etiam primi libri correxisse principium, his uersibus demptis:

*Ille ego qui quondam gracili modulatus auena
carmina et egressus siluis uicina coegi,*

*ut quamuis avido parerent arua colono,
gratum opus agricolis, at nunc horrentia Martis
arma uirumque cano.*

[43] *Obtrectatores Vergilio numquam defue-
runt, nec mirum, nam nec Homero quidem.
prolatis Bucolicis Numitorius quidam rescrip-
sit Antibucolica, duas modo eglogas, sed
insulsissime παρωδήσας, quarum prioris
initium est:*

*Tityre, si toga calda tibi est, quo tegnine fagi?
sequentis:
Dic mihi, Damoeta: cuium pecus, anne Latinum?
non. uerum Aegonis nostri sic rure loquuntur.*

*alius recitante eo ex Georgicis: 'Nudus ara,
sere nudus', subiecit: 'habebis frigore febrem'.
[44] est et aduersus Aeneida liber Car<u>ili
Pictoris, titulo 'Aeneidomastix'. M. Vip<s>a-
nius a Maecenate eum suppositum appellabat
nouae cacozeliae repertorem, non tumidae nec
exilis, sed ex communibus uerbis, atque ideo
latentis. Herennius tantum uitia eius, Perel-
lius Faustus furta contraxit. [45] sed et Q.
Octaui Auiti Ὀμοιοτελεύτων octo uolumi-
na, quos et unde uersus transtulerit,
continent. [46] Asconius Pedianus libro, quem
contra obtrectatores Vergilii scripsit, pauca ad-
modum obiecta ei proponit, eaque circa
historiam fere et quod pleraque ab Homero
sumpsisset; sed hoc ipsum crimen sic defende-
re assuetum ait: 'cur non illi quoque eadem
furta temptarent? uerum intellecturos facilius
esse Herculi clauam quam Homero uersum
surripere'; et tamen destinasse secedere, ut
omnia ad satietatem maleuolorum decideret.*

SUETÔNIO, VIDA DE VIRGÍLIO

[1] Públio Virgílio Marão foi um mantua-
no de pais humildes, especialmente por
parte de pai, segundo alguns, um artesão
oleiro, mas a maior parte relata que havia
sido primeiro assalariado de certo oficial
de justiça chamado Mago, depois, por
causa de sua diligência, se tornara seu
genro, e aumentara sua terrinha notavel-
mente comprando bosques de boa
qualidade e criando abelhas. [2] Nasceu
sob o primeiro consulado de Gneu Pom-
peu, o Grande, e de Marco Licínio Crasso,
nos idos de outubro num vilarejo chama-
do Andes, não distante de Mântua.⁷⁷ [3]

Grávida dele, sua mãe sonhou que paria
um ramo de louro, que, ao tocar a terra,
criou raízes e cresceu tomando de súbito a
aparência de uma árvore madura, carre-
gada de vários pomos e flores, e, no dia
seguinte, procurando com o marido um
campo próximo, saiu da estrada e, numa
fossa diante dela, deu à luz. [4] Dizem que
o bebê, assim que veio ao mundo, não va-
giu e que tinha um rosto tão sereno, que
sem dúvida já dava desde então esperança
de um futuro muito próspero. [5] E se so-
mou um outro presságio, pois uma verga
de choupo plantada imediatamente no
mesmo lugar em que nascera a criança (se-
gundo o costume da região) tanto medrou
em tão pouco tempo, que se equiparou
aos choupos ali semeados muito antes;
por isso, foi chamada árvore de Virgílio e
foi também consagrada pela enorme devo-
ção das grávidas e das puérperas, que
vinham ali para parir e cumprir seus vo-
tos. [6] A primeira idade passou em
Cremona até a toga viril, que obteve no
seu aniversário de 17 anos, sendo cônsules
os mesmos dois de quando havia nascido,
e aconteceu que naquele mesmo dia o po-
eta Lucrécio falecera. [7] Mas Virgílio
passou de Cremona para Milão e, pouco
depois, daqui para a Cidade.⁷⁸ [8] De cor-
po e estatura foi grande, cor parda,
aparência de camponês, saúde instável:
pois muito sofria de dor no estômago, na
garganta e na cabeça, e até mesmo fre-
quentemente cuspiu sangue. [9]
Muitíssimo sóbrio com comida e vinho,
mais inclinado ao prazer dos meninos,
dentre os quais preferiu maximamente
Cebes e Alexandre, a quem chamara
Aléxis na segunda bucólica, a ele dado por
Asínio Polião, ambos não sem cultura, Ce-
bes inclusive poeta. Corria voz que ele
tivera um caso com Plócia Hiéria. [10] Mas
Ascônio Pediano afirma que ela mesma
costumava contar, quando mais velha,
que ele havia sido convidado de fato por
Vário para dividi-la com ele, porém havia
recusado pertinazmente. [11] No mais,
certamente consta que quanto à vida, ao
semblante e ao ânimo foi tão probo, que,
em Nápoles, Partênias⁷⁹ era comumente
chamado e quando aparecia em público
em Roma, aonde ia raramente, se refugiu-

ava-se na casa mais próxima, evitando os que o seguiam e apontavam para ele. [12] Não consentiu em receber os bens de um exilado oferecidos por Augusto. [13] Possuiu cerca de dez milhões de sestércios da generosidade dos amigos e teve uma casa em Roma, no Esquilino, ao lado dos jardins de Mecenas, embora muitas vezes usufruísse o isolamento da Campânia e da Sicília. [14] Já grande, perdeu os pais, seu pai cego, e dois irmãos gêmeos, Silo, ainda impúbere, e Flaco, já adulto, cuja morte chorou sob o nome de Dáfnis.⁸⁰ [15] Entre outros estudos, dedicou-se à medicina e sobretudo à matemática. Advogou diante de juízes uma única causa, e não mais do que uma só vez: [16] pois Melisso conta que havia sido lentíssimo na elocução e quase parecia um indouto. [17] Tendo começado ainda menino a poetar, compôs um dístico contra Balista, um professor de escola apedrejado até a morte por causa do escândalo de suas ladroagens:

Sob esse monte de pedras Balista está enterrado;
noite e dia segue seguro, viajante, teu caminho.⁸¹

Depois, o *Catalepton*,⁸² as *Priapeas*,⁸³ *Epi-gramas*, as *Imprecações* e também a *Garça* e o *Mosquito*, quando tinha 26 anos.⁸⁴ [18] O assunto deste último é o seguinte: um pastor, cansado pelo calor, dormia embaixo de uma árvore, e uma serpente se aproxima dele; um mosquito voou de um pântano e sua tromba fincou no meio das têmporas do pastor. Mas ele no mesmo instante esmagou o mosquito, aniquilou a serpente, construiu um sepulcro para o mosquito e compôs um dístico:

Pequeno mosquito, o guardador de rebanhos te rende, o mereces,
este ofício fúnebre pelo dom da vida.⁸⁵

[19] Escreveu ainda, mas não se tem certeza, *Etna*. Pouco depois, começou uma história romana, mas, descontente com a matéria, passou para as *Bucólicas*, sobretudo para celebrar Asínio Polião, Alfenio Varo e Cornélio Galo, porque, na distribuição de terras, que após a vitória de Filipos haviam sido divididas por ordem dos triúmviros entre os veteranos além do Pó, eles o deixaram indene.⁸⁶ [20] Em se-

guida escreveu as *Geórgicas* em honra a Mecenas, que a ele, até então não muito conhecido, prestara auxílio contra a violência de um veterano, de quem por pouco escapou de ser morto por causa de um litígio agrário. [21] Por último, começou a *Eneida*, de argumento variado e complexo, como que à semelhança de ambos os poemas de Homero, pondo ademais em comum os nomes e os feitos dos gregos e dos latinos, e no qual continha a origem da cidade de Roma e de Augusto ao mesmo tempo, tarefa que era o seu maior empenho. [22] Quando estava escrevendo as *Geórgicas*, conta-se que costumava ditar cotidianamente muitos versos meditados de manhã e ao longo do dia inteiro reduzi-los a pouquíssimos retrabalhando-os, dizendo, não tolamente, que criava seu poema à maneira da ursa e que lhe dava sua forma final lambendo-o. [23] A *Eneida*, em prosa primeiro esboçada e dividida em 12 livros, decidiu compô-la pedaço a pedaço para que pudesse depois mexer no que lhe agradasse sem se preocupar com a ordem. [24] E para não deter seu ímpeto, deixou algumas coisas imperfeitas, outras ele as fortaleceu como que com versos levíssimos que ele dizia por brincadeira ter interposto no lugar de escoras para sustentar a obra, até que as sólidas colunas chegassem. [25] As *Bucólicas* concluiu em três anos, as *Geórgicas* em 7, a *Eneida* em 11. [26] As *Bucólicas* publicou com tanto sucesso, que foram frequentemente declamadas até mesmo por cantores em cena. [27] Leu as *Geórgicas* por quatro dias seguidos sem interrupção para Augusto, que voltara vitorioso de Ácio e parara em Atela para cuidar da garganta,⁸⁷ Mecenas tomando seu lugar na leitura todas as vezes que ele mesmo sentia sua voz cansada. [28] Declamava com suavidade e um encanto admiráveis. [29] E Sêneca conta que o poeta Júlio Montano costumava dizer que roubaria algo de Virgílio se pudesse também roubar sua voz, sua expressão e sua gesticulação: pois seus versos soavam bem quando ele mesmo os declamava, mas sem ele eram vazios e mudos. [30] Mal havia começado, tanto se alçou a fama da *Eneida*, que Sexto Propércio não hesitou predizer o seguinte:

Cedei gregos, cedei escritores romanos:
nasce não sei o quê maior que a *Ilíada*.⁸⁸

[31] Augusto, com efeito – por acaso ausente em função da expedição na Cantábria –,⁸⁹ mandava cartas com súplicas e até mesmo com ameaças jogosas insistindo que “lhe enviasse”, são suas próprias palavras, “algo da *Eneida*, ou o primeiro ὑπογραφή do poema ou qualquer κῶλον que quisesse”.⁹⁰ [32] A ele, muito depois quando por fim completou a matéria, recitou três livros ao todo, o segundo, o quarto e o sexto, mas este último causou notável reação em Otávia, que, dizem, estando presente à recitação, quando chegou aos versos sobre seu filho “Tu serás Marcelo”,⁹¹ desmaiou e foi refocilada a custo. [33] Recitou também a mais gente, mas não com muita frequência e praticamente aquelas partes das quais não estava seguro, para melhor experimentar o julgamento das pessoas. [34] Contam que Eros, seu secretário e libertado, de velhice já avançada, costumava dizer que certa vez ele [*scil.* Virgílio] completou dois hemistíquios de improviso. Pois enquanto tinha apenas “Miseno Eólida”, ajuntou: “de quem nenhum outro era mais vigoroso”,⁹² igualmente como “a incitar os varões”, impelido por semelhante ardor acrescentou: “e a Marte inflamar com a trombeta de bronze”,⁹³ e imediatamente ordenou que escrevesse ambos os versos no volume. [35] No quinquagésimo segundo ano de vida, para dar a última demão à *Eneida*, decidiu se retirar na Grécia e na Ásia e, por um triênio seguido, nada fazer além de revisá-la, para que o restante da vida pudesse se entregar apenas à filosofia. Mas como, tendo começado sua viagem, em Atenas encontrara Augusto que voltava do Oriente para Roma e determinara não se afastar dele e mesmo retornar com ele, enquanto visitava Mégara, cidade próxima, sob um sol quentíssimo, contraiu uma doença que, sem interromper a navegação, aumentou tanto, que chegou mais grave a Brundísio, onde em poucos dias faleceu, onze dias antes das calendas de outubro,⁹⁴ sendo Gneu Sêncio e Quinto Lucrécio cônsules. [36] Seus ossos

foram trasladados para Nápoles e depositados num túmulo que se encontra na via Puteolana, a cerca de duas milhas da cidade, para o qual compôs o seguinte dístico:

Mântua me gerou, os calabreses me arrebataram, agora me tem
Partênopo; cantei pastos, campos, chefes.⁹⁵

[37] Designou como herdeiro da metade [de seus bens] Valério Próculo, irmão de um outro pai; de um quarto, Augusto, de um duodécimo, Mecenas, do restante Lúcio Vário e Plócio Tuca, que, depois de seu falecimento, revisaram a *Eneida* por ordem de César. [38] Sobre isso, subsistem os seguintes versos de Sulpício de Cartago:

Ordenara que fossem destruídos os versos com as chamas vorazes
Virgílio, os quais haviam cantado o chefe da Frígia.
Tuca proíbe e Vário com ele; tu, sumo César,
não permites e conservas a história do Lácio.
A infeliz Pérgamo quase se extinguiu por dois fogos,
e por pouco Troia não queimou num outro incêndio.⁹⁶

[39] Exigira de Vário, antes de deixar a Itália, que, se algo lhe acontecesse, atesse fogo à *Eneida*; mas ele declarou veementemente que não o faria. Por isso, no extremo da enfermidade, reclamava assiduamente as caixas com os manuscritos, para que ele mesmo as queimasse; mas como ninguém lhas trazia, não cuidou mais delas expressamente. [40] No mais, legou seus escritos ao mesmo Vário assim como a Tuca, sob a condição de que não publicassem algo que ele não havia publicado. [41] Publicou-os, contudo, Vário a pedido de Augusto, mas os revisou sumariamente, de modo que os versos que ainda estavam incompletos, assim os deixou; logo depois, muitos tentaram supri-los sem obter o mesmo êxito por causa da dificuldade, pois que quase todos os hemistíquios dele possuem um sentido perfeito e completo, exceto este: “Ele que a ti já em Troia”.⁹⁷ [42] O gramático Niso dizia que ouvira dos velhos que Vário havia trocado a ordem de dois livros, passando o terceiro no lugar do que agora é o segundo, e corrigiu o começo do primeiro livro eliminando os seguintes versos:

Eu sou aquele que outrora modulei na grácil avena
canções e, egresso das selvas, as searas vizinhas

forcei a obedecer a ávida mão do colono,
grata obra aos agrícolas, mas agora de Marte as horríveis
armas e o varão canto.⁹⁸

[43] Nunca faltaram detratores a Virgílio, o que não é de se admirar, pois nem a Homero. Publicadas as *Bucólicas*, um tal Numitor escreveu em resposta as *Antibucólicas*, somente duas éclogas, mas insulsíssimas *παρωδήσας*,⁹⁹ a primeira das quais começa:

Tíro, se tua toga está quente, a que serve o abrigo da faia?¹⁰⁰
E a segunda:
Diz-me, Dametas: “de quem o rebanho” é latim?
Não, na verdade é do nosso Égon; assim falam no campo.¹⁰¹

Um outro, enquanto o poeta lia das *Geórgicas*: “Ara nu, semeia nu”,¹⁰² acrescentou: “terás febre com o frio”. [44] Existe também um livro de Carvílio Pictor contra a *Eneida*, cujo título é *Aeneidomastix*.¹⁰³ Marco Vipsânio¹⁰⁴ dizia que Virgílio, filho bastardo de Mecenas, era inventor de uma nova imitação de mau gosto, nem empolada nem sutil, mas feita a partir de palavras comuns e por isso ocultas. Herênio reuniu apenas seus defeitos, Perélio Fausto, seus furtos. [45] Não só, também os oito volumes de Quinto Otávio Avito intitulados *Ὅμοιοτήτων*¹⁰⁵ contêm não só os versos que ele tomou emprestado, mas também de onde. [46] Ascônio Pediano, no livro que escreveu contra os detratores de Virgílio, apresenta apenas algumas poucas das objeções a ele e quase todas acerca da história e aquilo que na maior parte havia tomado a Homero; mas diz que ele costumava se defender desta última acusação assim: por que eles não tentaram também esses mesmos furtos? Na verdade, eles haveriam de compreender que é mais fácil surripiar a clava de Hércules do que um verso de Homero. E por isso determinara se retirar, de modo a podar todas as coisas para a satisfação dos críticos mais malvados.

ABSTRACT

The earliest biography of Virgil, the *Vita Vergilii*, as it is usually called, would have been composed by Suetonius around 100 years after the poet's death, but preserved in an introduction to the commentaries on the Virgilian poems by Aelius Donatus, a 4th century grammarian. Recently, the importance of how to read this text, regardless of its authorship, has been gaining ground. In this article, we intend to offer our way of reading a literary biography about a poet of Antiquity. To this end, we present, after a brief history of biography from its birth in Greece to Suetonius, some considerations about this genre, as well as our translation of the text, so that anyone who reads it can draw their own conclusions.

KEYWORDS

Biography; Virgil; Suetonius; Donatus; Translation.

REFERÊNCIAS

BOCCACCIO, Giovanni. **Vida de Dante**. Tradução de Pedro Falleiros Heise. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2021.

CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: a History**. Tradução de Joseph B. Solodow. Baltimore; Londres: Johns Hopkins U.P., 1994.

GAILLARD, Jacques. **Approche de la Littérature Latine**. Paris: Éditions Nathan, 1992.

GARCÍA, Yolanda (org.). **Biografías literarias latinas**: Suetonio, Probo, Servio, Foca, Vacca, Jerónimo. Introducciones por Yolanda García; traducciones y notas de José Abeal López et al. Madri: Editorial Gredos, 1985.

GOLDSCHMIDT, Nora. **Afterlives of the Roman Poets: Biofiction and the Reception of Latin Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

JAL, Paul. Biographie et histoire dans la Rome antique. **Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France**, 1992, p. 337-351.

LENTANO, Mario. **Virgilio**. Roma: Salerno, 2022.

MARÍN, José A. Sánchez. La biografía de literarios en Roma. In: VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Vitalino (org.). **Las biografías griega y latina como género literario**: de la Antigüedad al Renacimiento, algunas calas. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 2009. p. 209-238.

MARÍN, José A. Sánchez. Prodigios, elementos eróticos y retrato físico en las biografías de poetas. **Emerita**, 53, 2, 1985, p. 291-308.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The Development of Greek Biography**. Cambridge; Londres: Harvard University Press, 1993.

NAUMANN, Heinrich. Suetonius' Life of Virgil: the Present State of the Question. **Harvard Studies in Classical Philology**, vol. 85, 1981, p. 185-187.

PAYEN, Pascal. Vies (Bios). In: **Dictionnaire Plutarque**, in Plutarque. Vies parallèles. Traduction par Anne-Marie Ozanam. Paris: Gallimard, 2001.

POWELL, Anton. Sinning against philology? Method and the Suetonian-Donatian Life of Virgil. In: POWELL, Anton; HARDIE, Philip. **The Ancient Lives of Virgil: Literary and Historical Studies**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2017, pp. 173-198.

RATTI, Stéphane. Les racines antiques du genre biographique. **L'Information littéraire**, n. 2, 2006, p. 3-11.

ROSTAGNI, Augusto. **Svetonio**: De poetis e biografi minori. Turim: Chiantore, 1944.

SUETONIUS. **Volume I**. Edited by J.C. Rolfe. Cambridge, Massachusetts; Londres: Harvard University Press, 2001a. (1. ed. 1914).

SUETONIUS. **Volume II**. Edited by J.C. Rolfe. Cambridge, Massachusetts; Londres: Harvard University Press, 2001b. (1. ed. 1914).

TRANQUILLO, Caio Svetonio. **I dodici cesari**: gli uomini illustri. Traduzione di Felice Dessi. Milão: Rizzoli, 1968.

VIRGILE. **Œuvres complètes**: Édition bilingue établie par Jeanne Dion et Philippe Heuzé, avec Alain Michel pour les "Géorgiques". Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 2015.

NOTAS

1 Conte, 1994, p. 546.

2 Idem, ibidem.

3 Gaillard, 1992, p. 115-116.

4 Heuzé, 2015, p. 1352-1353.

5 Rolfe, 2001b, p. 370.

6 Idem, ibidem. Para Felice Dessì, tradutor italiano das obras de Suetônio, as vidas de Terêncio, Virgílio e Horácio são com certeza de Suetônio, enquanto mais incerta (“*più incerta*”) é a atribuição das vidas de Tibulo, Pérsio e Lucano; já as biografias de Plínio, o Velho e de Passieno Crispo seriam “*probabilmente, un rifacimento o un riassunto di autore tardivo*” (Dessì, 1968, p. 8).

7 Naumann, 1981, p. 185.

8 Idem, ibidem, p. 185-186; grifo do autor.

9 Rolfe, 2001a, p. XII.

10 Todas as traduções são de responsabilidade do autor deste artigo.

11 Conte, 1994, p. 547.

12 Idem, ibidem, p. 548.

13 Philippe Heuzé, um dos mais recentes tradutores da *Vida* de que temos notícia, sugere, mais cauteloso, que o texto de Donato poderia ser um resumo do de Suetônio (Heuzé, 2015, p. 1352).

14 Ed. Brugnoli-Stok, 1995, p. 15.

15 García, 1985, p. 9.

16 Idem, ibidem.

17 Rostagni, 1944, p. xiii.

18 García, 1985, p. 9-10. No elenco que Diógenes de Laércio apresenta na biografia de Aristóteles é a segunda obra, dividida em três livros, α , β , γ (*Vidas, doutrinas e sentenças dos filósofos ilustres* 5.1.22).

19 García, 1985, p. 10.

20 Idem, ibidem, p. 13.

21 Rostagni, 1944, p. xvi.

22 Idem, ibidem, p. xvi-xv.

23 Marín, 2009, p. 224.

24 Idem, ibidem, p. 235.

25 García, 1985, p. 16.

26 Quint., *Inst. orat.* x.1.95.

27 Momigliano, 1993, p. 96.

28 Marín, 2009, p. 217.

29 Idem, 1985, p. 292.

30 Idem, ibidem.

31 Conte, 1994, p. 221.

32 Momigliano, 1993, p. 97.

33 Idem, ibidem.

34 Marín, 2009, p. 217.

35 Idem, ibidem, p. 221-222.

36 Conte, 1994, p. 497.

37 Idem, ibidem, p. 530.

38 Idem, ibidem, p. 533.

39 Gaillard, 1992, p. 98.

40 Idem, ibidem.

41 Rostagni, 1944, p. XVIII.

42 Conte, 1994, p. 549.

43 García, 1985, p. 25.

44 Marín, 2009, p. 227.

45 Idem, ibidem, p. 236.

46 Jal, 1992, p. 338.

47 Payen, 2001, p. 2113.

48 Ratti, 2006, p. 3.

49 Idem, ibidem, p. 7.

50 Idem, ibidem.

51 Ver Payen, 2001, p. 2113-2114.

52 Ratti, 2006, p. 7-8.

53 Payen, 2001, p. 2115.

54 Marín, 2009, p. 224.

55 Idem, ibidem, p. 227.

56 Idem, ibidem, p. 224.

57 Marín, 1985, p. 291.

58 Conte, 1994, p. 549.

59 Marín, 2009, p. 237.

60 García, 1985, p. 33-34.

61 Idem, ibidem, p. 34.

62 Marín, 2009, p. 229.

63 Heuzé, 2015, p. 1352.

64 No âmbito da produção literária, é relevante lembrar do romance de Hermann Broch, *A morte de Virgílio*, que, apesar de o próprio autor mencionar ao final da obra que se valeu das poucas fontes a respeito da vida do poeta mantuano, Nora Goldschmidt afirma ser “*based on Donatus’ narrative of the death of the author [Virgílio]*” (Goldschmidt, 2019, p. 158). Agradeço ao avaliador que gentilmente me indicou esse estudo.

65 Heuzé, 2015, p. 1352

66 Ver o volume organizado por Anton Powell e Philip Hardie, *The Ancient Lives of Virgil: Literary and Historical Studies*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2017.

67 Powell, 2017, p. 173.

68 Idem, ibidem, p. 175.

69 Ver José A. Sánchez Marín, “*Prodigios, elementos eróticos y retrato físico en las biografías de poetas*”, sobretudo p. 294-295. Para Marín, as duas referências ao sonho na *Vita* se de-

vem à “constante alusión a la tierra, [...] anticipando la idea de que Virgilio va a estar íntimamente ligado a ella, como demostrarán el contenido de las Bucólicas y, sobre todo, el de las Geórgicas, y que su obra será exuberante y fecunda” (p. 295).

70 Ver os parágrafos 16-18 da *Vida de Dante*, de Giovanni Boccaccio (2021).

71 García, 1985, p. 34.

72 Payen, 2001, p. 2116.

73 Marín, 2009, p. 227-228.

74 Conte, 1994, p. 549.

75 Momigliano, 1993, p. 100.

76 O texto latino da tradução é o de Brugnoli e Stok (1997).

77 Dia 15 de outubro de 70 a.n.e. O nome do vilarejo Andes não existe mais e costuma ser identificado com a atual Pietole, a cerca de cinco quilômetros ao sul de Mântua.

78 Roma, a cidade por antonomásia.

79 Em grego, παρθένιας significa “virgem”.

80 Na quinta bucólica, dois pastores poetas lamentam a morte de Dáfnis, outro pastor poeta.

81 “Monte sub hoc lapidum tegitur Ballista sepultus./ nocte die tutum carpe, uiator, iter”.

82 Reunião de poesias “leves”, conforme o grego λεπτός.

83 Poemas que têm por tema Priapo, o deus protetor dos campos e de grande falo, símbolo de fertilidade.

84 Os manuscritos variam a idade, por isso mantivemos como está na ed. Brugnoli-Stok; Heuzé opta por 26 anos; Dessì, por 21; Rolfe, por 16.

85 “Parue culex, pecudum custos, tibi tale merenti/ funeris officium uitae pro munere reddi”.

86 Depois da batalha de Filipos, em 42 a.n.e., os triúnviros Marco Antônio, Otávio (o futuro Augusto) e Lépidio ordenaram a expropriação de terras no norte da Itália para pagar seus soldados. A primeira e a nona bucólicas permitem entrever uma alusão a esse evento.

87 Pequena cidade da Campânia, entre Cápua e Nápoles, cujas ruínas se encontram perto da atual Aversa.

88 “Cedite Romani scriptores, cedite Grai:/ nescio qui maius nascitur Iliade”. Prop. II.34, v. 65-66.

89 Região no norte da Espanha; Augusto ficou lá de 27 a 25 A.N.E.

90 Os romanos eram bilíngues, por isso a língua grega era comumente empregada em meio às frases latinas; ὑπογραφή significa “esboço, rascunho”; κῶλον significa “membro, verso” ou “parte de verso”.

91 En. VI, v. 883.

92 “Misenum Aeoliden, quo non praestantior alter”, En. VI, v. 164.

93 “[A]ere ciere uiros Martemque accendere cantu”, En. VI, v. 165.

94 Dia 21 de setembro de 19 A.N.E.

95 “Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc/ Parthenope; cecini pascua rura duces”.

96 “Iusserat haec rapidis aboleri carmina flammis/ Vergilius, Phrygium quae cecinere duces./ Tuca uetat Variusque simul; tu, maxime Caesar, non sinis et Latiae consulis historiae./ Infeliz gemino cecidit prope Pergamon igni, et paene est alio Troia cremata rogo”.

97 “[Q]uem tibi iam Troia”, En. III, v. 340.

98 “Ille ego qui quondam gracili modulatus auena/ carmina et egressus siluis uicina coegi, ut quamuis auido parerent arua colono, gratum opus agricolis, at nunca horrentia Martis/ arma uirumque cano”.

99 “Paródias”.

100 “Tityre, si toga calda tibi est, quo tegmine fagi?”, que em Virgílio é: “Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi” (“Títiro, tu deitado sob o abrigo de uma faia copada”).

101 “Dic mihi, Damoeta: cuium pecus” anne Latinum?/ Non, uerum Aegonis nostri; sic rure loquuntur, que em Virgílio é: Dic mihi, Damoeta, cuium pecus? an Meliboei?/ Non, uerum Aegonis; nuper mihi tradidit Aegon (“Diz-me, Dametas, de quem o rebanho, de Melibeu?/ Não, porém de Égon; confiou-mo Égon faz pouco”).

102 “Nudus ara, sere nudus”, Geór. I, v. 299.

103 De acordo com Philippe Heuzé, o título imita o do “grande detrator de Homero, Zoilo, gramático de Alexandria, que havia composto um *Homeromastix*, ‘o chicote de Homero’” (Virgile, 2015, p. 1353). Zoilo de Anfípolis, do séc. IV A.N.E. (García, 1985, p. 95; nota 218).

104 Trata-se de Agripa, o militar mais próximo de Augusto e seu genro.

105 “Similitudes”. Neste único ponto divirjo da lição de Brugnoli e Stock, que leem ὁμοιοτέλευτος, que significa “com finais iguais”, com referência às terminações iguais de cláusulas ou versos (uma espécie de proto-rima), o que não parece fazer sentido no contexto. Assim, adoto a lição de Rolfe.